

ARTIGO DE OPINIÃO OU OUTRO GÊNERO?

Andréa Lopes BORGES
Elisete Maria de Carvalho MESQUITA

Instituto de Letras e Linguística (ILEEL)
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL)
andrealopesborges@yahoo.com.br
elismcm@gmail.com

Resumo: Discursivamente, o artigo de opinião se caracteriza pelo modo de interação de convencer e/ou persuadir o outro, o que faz com que seja considerado como gênero argumentativo “*stricto sensu*”, e, ocorra, linguisticamente, de acordo com Travaglia (1991), pela fusão de variados tipos textuais. Partimos da hipótese de que essa característica altere a “forma física” desse gênero, ocultando a sua verdadeira natureza discursivo-textual, o que nos leva a associá-lo, em alguns casos, a outros gêneros. Objetivando, então, verificar quais elementos nos permitem reconhecer o gênero em questão, analisamos textos que os jornais denominam artigos de opinião, mas que, à primeira vista, podem ser confundidos com outros gêneros. Para atingir a meta estabelecida, selecionamos e analisamos dois artigos de opinião veiculados por jornais brasileiros, cujas aparências linguísticas são semelhantes a de outros gêneros. A análise desses dois textos nos levou a concluir que a composição tipológica do artigo de opinião colabora, naturalmente, para que ele, em alguns casos, se pareça com outros gêneros, de modo que outras formas de composição tipológica associadas à fusão do tipo argumentativo favorecem a dificuldade de reconhecimento do artigo de opinião. Portanto, para reconhecermos o artigo de opinião, temos de considerar, principalmente, suas características discursivas.

Palavras-chave: artigo de opinião; gênero argumentativo; tipo argumentativo “*stricto sensu*”.

Introdução

O artigo de opinião é um gênero discursivo, mais comumente, veiculado por jornais, em seções intituladas opinião ou artigo. Esse gênero é formulado por pessoas, normalmente, convidadas pelos jornais, que possuem conhecimentos específicos, utilizados para tratar de assuntos de caráter social polêmico, com o objetivo de formar a opinião crítica de leitores, convencendo-os de seus pontos de vista.

Discursivamente, o artigo de opinião se dá, portanto, pelo modo de interação de convencer e/ou persuadir, o que o caracteriza como gênero argumentativo “*stricto sensu*”, de acordo com Travaglia (1991).

Dizer que o artigo de opinião é um gênero argumentativo “*stricto sensu*”, significa considerar que ele se compõe, principalmente, do tipo textual argumentativo “*stricto sensu*”, e que esse tipo, portanto, é responsável pela configuração textual e pela composição linguística desse gênero discursivo.

Linguisticamente, portanto, o artigo de opinião se dá conforme as características linguísticas do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, que, segundo Travaglia (1991), caracteriza-

se por ocorrer, sempre, fundido com os tipos fundamentais: narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo.

As condições de realização linguística do tipo argumentativo “*stricto sensu*” permitem aos produtores de artigos de opinião argumentar de diferentes formas, por meio de diversos e diferentes recursos linguísticos disponibilizados pelos tipos textuais fundamentais, o que, acreditamos, possa alterar a aparência linguística do gênero artigo de opinião, de forma a fazê-lo parecer outro gênero.

Pensando nisso, decidimos por analisar textos veiculados por jornais como artigos de opinião, mas que linguisticamente têm aparência de outros gêneros, com o objetivo de identificar quais elementos nos permitem classificar esses textos como artigos de opinião.

Para atingir a meta estabelecida, selecionamos, para análise, dois¹ artigos de opinião de jornais on-line brasileiros, anexados ao final deste estudo, os quais, a partir da aparência linguística, parecem, um com o gênero cordel e outro com o gênero relato pessoal.

1 O artigo de opinião: dimensão discursiva

O artigo de opinião é um gênero discursivo que pode ser considerado como pertencente à esfera jornalística, ou ao domínio discursivo jornalístico. Por ser um gênero representante da modalidade escrita de língua, normalmente aparece em jornais impressos, o que faz dele um gênero que, de modo específico, se inscreve no domínio discursivo dos jornais impressos.

Os jornais impressos são meios de comunicação de massa, comprometidos com assuntos que dizem respeito à sociedade de maneira geral. Por esse motivo, são suportes de diferentes gêneros que contemplam os interesses das diversas camadas sociais, desde mais populares até mais eruditas. Assim, é possível encontrar, nos diferentes jornais, além dos gêneros tradicionalmente jornalísticos, como notícias e reportagens, encontrar, também, obituários, resumos, programações, horóscopo, etc.

Conforme a variedade de gêneros que apresenta, o jornal tem como tema assuntos diversos, tratados de diferentes formas em conformidade com o tipo de público que pretende atingir. No caso do artigo de opinião, segundo Rodrigues (2005), ele pretende atingir um público pertencente a classes mais altas da sociedade, de maneira que não se costuma encontrar a presença desse gênero em jornais voltados para classes populares, o que se justifica, se considerarmos que nesse gênero costumam ser tratados

assuntos ou problemas sociais controversos, buscando chegar a um posicionamento diante deles pela sustentação de uma idéia, negociação de tomada de posições, aceitação ou refutação de argumentos apresentados. (UBER, 2007/2008, p. 4).

Dessa forma, a leitura de um artigo de opinião exige do leitor a capacidade de avaliação crítica dos temas tratados nesse gênero discursivo, de maneira que o que diferencia esse gênero de outros gêneros presentes nos jornais considerados mais populares, não é o tema, mas a forma de tratá-lo.

¹ Os dois artigos de opinião selecionados para este estudo são parte de um conjunto de 400 artigos, coletados para constituição do *corpus* de minha pesquisa de mestrado: Os usos de **porém** em artigos de opinião.

Assim, o assunto pode ser, por exemplo, novela, mas a abordagem temática do artigo de opinião não consistirá em informar o leitor sobre os próximos capítulos, mas sim, em promover um debate (indireto) com o leitor sobre questões sociais, possíveis de serem tratadas a partir da temática da novela.

Devido ao fato do artigo de opinião ser um gênero que objetiva debater assuntos diversos, buscando um posicionamento diante deles, os produtores desse gênero discursivo são, normalmente, conforme Rodrigues (2005), especialistas em determinados assuntos, e os leitores são pessoas que buscam a avaliação desses mesmos assuntos. Dessa forma, podemos dizer que há uma relação mais ou menos simétrica entre produtor e receptor desse gênero, uma vez que ambos compartilham de mesmo conhecimento ou conhecimento aproximado a respeito do(s) tema(s) discutido(s).

O produtor de artigo de opinião, normalmente, é convidado pelo jornal a tratar de um tema da atualidade, e equivale a alguém capaz de formar ou modificar opiniões sobre esse tema. Por isso, o jornal tem como critério a especialidade do produtor, pois, por ela, se tem a voz de alguém autorizado a falar sobre determinado assunto, o que dificilmente será refutado pelo(s) leitor(es) que não possui(em) o mesmo conhecimento específico do articulista.

O articulista, dessa forma, é alguém responsável pelo assunto tratado no artigo, de forma que o texto vem acompanhado da autoria e da especificação da especialidade do produtor, por esse motivo, esse gênero é conhecido, também, segundo Rodrigues (2005), como artigo assinado. A assinatura do articulista aparece, normalmente, em nota de rodapé, por meio dessa assinatura é possível perceber que existe uma relação, mais ou menos direta, entre o assunto que é tratado no artigo e a especialidade do produtor do texto. Isso nos leva a acreditar que somente alguém com os conhecimentos específicos do articulista é capaz de fornecer argumentos irrefutáveis, que levam o leitor ao convencimento. Por esse motivo, consideramos que a explicitação da especialidade do produtor é uma forma de conferir maior credibilidade ao seu discurso, funcionando como estratégia de persuasão, ou, segundo Rodrigues (2005), como argumento de autoridade, no sentido de que a especialidade do produtor, de certa forma, fundamenta e autoriza o discurso do articulista.

Além disso, o fato de o nome do autor e da sua especialidade estarem expressos no texto, mostra que o articulista não fala em nome do jornal, mas em nome da área de sua especialidade. Nesse sentido, o discurso do artigo de opinião representa os discursos de diferentes esferas sociais inseridos na esfera jornalística.

A forma como o articulista constrói o discurso que objetiva convencer o(s) leitor(es), consiste de um processo argumentativo de produção textual, que, em síntese, segundo Rodrigues (2005), tem início quando o produtor apresenta o tema apoiado em conhecimentos comuns ou ideológicos, capazes de conquistar a confiança do(s) leitor(es) facilmente, levando-o(s) a posição de co-autor(es). Na sequência desse processo, o produtor começa a se distanciar do discurso do qual vinha se apropriando, oferecendo outros posicionamentos ao seu interlocutor, orientando-o para a conclusão a que pretende chegar. Nesse momento, o produtor, segundo Rodrigues (2005), se vale de estratégias estilístico-composicionais que possibilitam a refutação e o distanciamento, como: ironias, aspas, negação, e operadores argumentativos. Ao final desse processo argumentativo, o produtor atinge, então, o principal objetivo do gênero discursivo artigo de opinião: modificar ou formar opinião.

As características discursivas do gênero artigo de opinião nos permitem, então, perceber, como acredita Rojo (2000), que ele é um gênero discursivo que “busca convencer o outro de uma determinada ideia”, ou seja, a interação entre produtor e receptor nesse gênero se constitui, principalmente, conforme Travaglia (1991), do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, sendo, portanto, um gênero argumentativo. (ROJO, 2000, p. 226).

2 O artigo de opinião: dimensão linguística

O artigo de opinião, como gênero argumentativo “*stricto sensu*”, se compõe, principalmente, do tipo argumentativo “*stricto sensu*”. Esse tipo uma vez na composição do artigo de opinião estabelece desde a composição linguística desse gênero discursivo até a sua configuração textual.

O tipo argumentativo “*stricto sensu*”, segundo Fávero e Koch (1987), é definido por três dimensões que se interrelacionam: pragmática, esquemática global e linguística de superfície.

A dimensão pragmática do tipo argumentativo “*stricto sensu*” consiste, segundo Travaglia (1991), no modo de interação, ou, na forma de se relacionar linguisticamente ativada em situações discursivas em que se vê a necessidade de convencer ou persuadir o outro.

O tipo argumentativo “*stricto sensu*” - discurso da transformação - caracteriza-se, segundo o mesmo autor, pela perspectiva do locutor de que seu(s) interlocutor(es) não concorda(m) com ele, sendo, portanto, necessária a construção de um discurso que possibilite ao produtor do texto convencer ou persuadir seu(s) receptor(es).

Para Fávero e Koch (1987), o tipo argumentativo “*stricto sensu*” é estabelecido pelo macroato de convencer e/ou persuadir.

A argumentação “*stricto sensu*” corresponde, como acredita Travaglia (1991), ao grau máximo da argumentação. Assim, pela dimensão pragmática, podemos dizer que o tipo argumentativo é instaurado pelo modo de interação (Travaglia, 1991) ou macroato (Fávero e Koch, 1987) de convencer ou persuadir, já que argumentar, nesse sentido, significa enfrentar uma situação discursiva em que o receptor não concorda com o locutor.

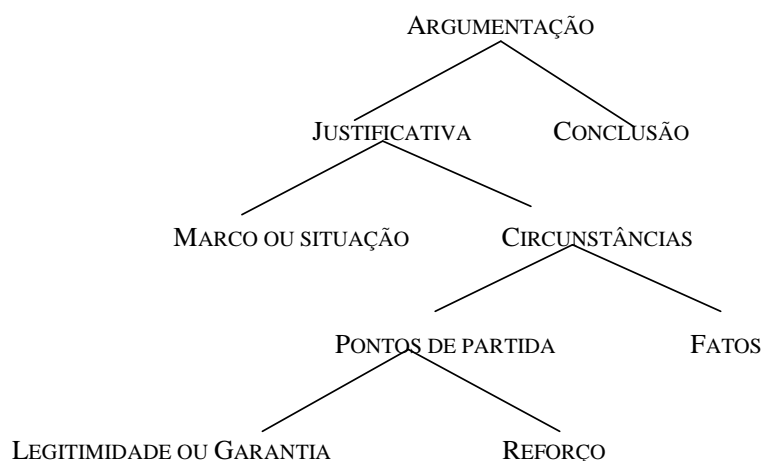
O tipo argumentativo, uma vez atualizado em gêneros como nos artigos de opinião, estabelece uma forma de organização textual que atende aos objetivos do produtor do texto, ou seja, estabelece um esquema global de estruturação do texto que permite o convencimento ou a persuasão do seu ouvinte/leitor, o que corresponde à dimensão esquemática global desse tipo.

A dimensão esquemática global diz respeito ao esquema geral de organização do texto, conhecido como **superestrutura**, definida, segundo Van Dijk (1983), por categorias e regras de formação, que são responsáveis pela organização das partes do texto por relações hierárquicas.

As superestruturas, segundo esse autor, fazem parte de nossa capacidade linguística e comunicativa global, o que explica, em grande parte, como reconhecemos tipos textuais como narrativas, por exemplo. Segundo Van Dijk, é inútil para um falante de uma língua reconhecer seus sistemas gramaticais “sin saber reproducir los sucesos cotidianos con una narración correcta o sin poder comprender lo que otros cuentan.” (VAN DIJK, 1983, p. 143).

A superestrutura argumentativa se organiza, basicamente, segundo Van Dijk (1983), pelas categorias hipótese (premissa) – conclusão. Segundo esse autor, a categoria hipótese pode estar implícita no processo argumentativo, e, nesse caso, parte-se do pressuposto de que a circunstância de uma determinada situação discursiva é condição suficiente para justificar uma conclusão. Para isso, deve existir uma relação condicional e coerente entre a circunstância e a conclusão, podendo, essa relação, ser legitimada por regras gerais (princípios éticos e morais, conhecimentos comuns a uma determinada cultura) dadas de acordo com os fatos de uma determinada situação de interação.

Com base nesse processo argumentativo, Van Dijk (1983) propõe as seguintes categorias para a superestrutura argumentativa:



A forma como as categorias de uma superestrutura se organizam num texto se dá de forma variada, “podem ser obrigatórias ou facultativas, recursivas ou não” (TRAVAGLIA, 2002, p. 30). Segundo Van Dijk (1983), as categorias da superestrutura argumentativa não são fixas, mas respeitam, sempre, sua organização básica: argumentação - justificativa - conclusão.

Por outro lado, Bronckart (2003) acredita que as sequências discursivas constituem o nível maior de estruturação dos textos, pois, elas são formas de organização linear dos conteúdos armazenados na memória de forma hierárquica, que organizam e integram macroproposições (conjuntos de proposições, que podem ser constituídas de uma única proposição), que, por sua vez, constituem as macroestruturas no nível da infraestrutura textual, que, segundo esse autor, é o que se tem denominado superestrutura.

Dessa forma, Bronckart (2003) propõe a sequência argumentativa por quatro principais fases:

- Premissa – ponto de partida;
- Argumento – orienta o enunciado/texto para uma provável conclusão, podendo ser sustentado por regras gerais (*topoi*);
- Contra-argumento – restringe a orientação argumentativa anterior;
- Conclusão – integra os argumentos e contra-argumentos para o estabelecimento da tese final ou nova tese.

Entretanto, por mais que se trate de um modelo de estrutura por sequência, percebemos que as fases da sequência argumentativa proposta por Bronckart (2003) são semelhantes ao modelo de superestrutura argumentativa proposto por Fávero e Koch (1987), que apresenta as seguintes categorias: (tese anterior) premissas – argumentos – (contra argumentos) – (síntese) – conclusão (nova tese).

Essa semelhança entre os modelos de sequência e superestrutura nos leva a acreditar, assim como Travaglia (1991), que as superestruturas são sequências esquemáticas constituídas por categorias dadas pelas regras de formação da superestrutura. Isso significa que enquanto modelo de superestrutura, o tipo argumentativo “*stricto sensu*” organiza o texto, segundo Fávero e Koch (1987), por sequências esquemáticas constituídas de categorias como: premissa, argumentos, contra-argumentos e conclusão.

O tipo argumentativo “*stricto sensu*”, além de superestrutura que organiza o discurso, pode preencher as categorias internas à superestrutura argumentativa, assim como, as categorias de superestruturas de tipos diferentes. Da mesma forma, tipos diferentes podem aparecer na composição das categorias da superestrutura argumentativa, como, por exemplo, “nas categorias (...) dos argumentos/justificativa (texto argumentativo) podemos ter descrição, dissertação ou narração (esta pode aparecer na forma de exemplos)”. (TRAVAGLIA, 1991, p. 290; 291).

A composição tipológica de um gênero, conforme Travaglia (2007a, 2007b), pode se dar de três maneiras: fusão, conjugação e intercâmbio. Na **fusão ou cruzamento**, uma mesma sequência linguística apresenta características de dois ou mais tipos diferentes no mesmo espaço textual. Na **conjugação**, tipos diferentes aparecem lado a lado em sequências diferentes, e, por fim, no **intercâmbio** ocorre a troca de tipos, ou seja, de acordo com determinado modo de interação se espera a realização de um texto por um tipo, mas ele ocorre por outro.

Segundo Travaglia (1991), os tipos são definidos, além de pelos modos de interação, pelas marcas linguísticas. Nesse sentido, Fávero e Koch (1987) acreditam que os modalizadores, os operadores argumentativos, as metáforas temporais, são marcas linguísticas do tipo argumentativo “*stricto sensu*”.

Para Hilá (2008) e Uber (2007/2008), conjunções adversativas; modalizadores expressos por formas verbais como: *podemos, desejamos, prometo*; por orações subordinadas substantivas, como: *tenho certeza de que, é possível que, é provável que, é lamentável que*; e por advérbios como: *infelizmente, realmente, etc.*, são características linguísticas, não do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, mas de um gênero argumentativo: o artigo de opinião. Por esse ponto de vista, Hilá (2008) e Uber (2007/2008) não deixam claro que essas características que elas atribuem a esse gênero argumentativo são transferíveis, na verdade, de um gênero argumentativo para outro argumentativo, ou para gêneros de outros tipos, pois, como sabemos, essas características estão relacionadas aos tipos textuais que, em número limitado, compõem todos os gêneros do discurso.

Portanto, é por meio dos tipos textuais que é possível identificar “regularidades de organização e marcação linguística”, ou seja, se determinadas características linguísticas aparecem com frequência num mesmo gênero, significa que existe um tipo frequente nesse gênero, responsável por essas marcas, e não que essas marcas são características exclusivas desse gênero. (BRONCKART, 2003, p. 138).

Nesse sentido, como afirma Travaglia (1991), o tipo injuntivo, por exemplo, parece ter afinidade com a conclusão dos textos argumentativos, e, dessa forma, as características como modalizadores expressos por formas verbais que expressam promessa, pedido, desejo, sugestão, estão relacionadas a esse tipo, e não ao gênero artigo de opinião, como acreditam Hilá (2008) e Uber (2007/2008), e, na verdade, nem ao tipo argumentativo “*stricto sensu*”, como acreditam Fávero e Koch (1987).

Dessa mesma forma, modalizadores expressos por orações como: *é possível que* estão ligados à modalidade alética dos verbos, na qual o locutor vê como possível, necessária ou viável a realização de uma situação, e essa modalidade é característica do tipo dissertativo. Já os expressos por orações como: *tenho certeza de que, e é provável que*, se referem, segundo Travaglia (1991), à modalidade epistêmica dos verbos, que é expressa pelo locutor tanto pela certeza, quando esse acredita na verdade do que diz, quanto pela probabilidade, quando duvida da verdade do que diz. Essa modalidade, por sua vez, é característica comum dos tipos narrativo, descritivo e dissertativo.

Com relação aos operadores argumentativos apontados, também, como característica do tipo argumentativo “*stricto sensu*” por Fávero e Koch (1987), tendo em vista que, conforme Ducrot (1981), eles funcionam como marcas enunciativas, ou seja, evidenciam o modo de interação, ou a intenção do locutor, marcando “a própria enunciação do enunciado”, pode ser, como acreditam as autoras, que eles realmente sejam característica linguística frequente nesse tipo. (GUIMARÃES, 1995, p. 50)

No entanto, não podemos dizer que todos os operadores são característica exclusiva do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, pois, considerando que os tipos fundamentais (narrativo, dissertativo, descritivo e injuntivo) são, também, modos de enunciação/interação, os operadores podem, também, marcá-los. Isso significa que alguns operadores podem estar mais

relacionados a um determinado tipo textual em detrimento dos outros, ou seja, os operadores argumentativos podem não ser, em sua maioria, mais frequentes no tipo argumentativo “*stricto sensu*”.

Essas divergências de opinião quanto às características linguísticas do tipo argumentativo “*stricto sensu*” estão relacionadas ao fato de que, como acredita Travaglia (1991), esse tipo ocorre sempre fundido com os tipos narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo, o que dificulta a caracterização linguística do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, e faz parecer que a sua identificação é determinada pelo modo de interação.

3 Análise dos textos

Aparentemente, os artigos de opinião se parecem com o texto abaixo:

Figura 01: Exemplar do gênero artigo de opinião.

<p>(Jornal Gazeta de Alagoas) 22 de novembro de 2009 Trabalho e repouso devem andar juntos MILTON HÊNIO *</p> <p>O tempo vai passando e o brasileiro tem que trabalhar cada vez mais para o sustento da família. Mas a luta pela sobrevivência de forma exagerada faz com que o organismo se danifique, porque o trabalho excessivo sem o repouso correspondente, desorganiza a mente e o corpo. “Estou cansado”, é uma frase que ouço frequentemente dos amigos. Cuide do seu trabalho, mas cuide também de você, caro leitor. O mundo atual é dinâmico, de muitas atividades, de muita concorrência. E no meio de todo esse corre-corre que a vida nos impõe está o homem, dotado de um organismo relativamente frágil para muitos obstáculos enfrentar. Nenhum computador foi projetado até hoje com a capacidade que possa competir com a grandeza do cérebro humano. Acredita-se que possuímos 100 bilhões de neurônios que são condutores de milhões de sinais. São esses neurônios, portanto, que se desgastam quando nós sofremos constantes emoções negativas e estamos cansados pelo excesso de trabalho. Você tem que trabalhar mas pensar que o organismo é uma grandiosa máquina, mas como toda máquina pode baquear quando usada além dos limites. O dinheiro é importante para o seu viver, mas também observando seus métodos de adquiri-lo sem se desgastar. Li certa vez estas palavras: “Com dinheiro compro a cama, mas não o sono; a comida, mas não o apetite; uma casa, mas não o lar; remédios, mas não a saúde; livros, mas não a inteligência; um crucifixo, mas não a fé”.</p> <p>O trabalho do coração, por exemplo, dá-nos uma ideia do que representa repouso durante o trabalho. Todo mundo pensa que o coração trabalha direto, em seu conjunto, todo tempo. Na realidade, porém, há um período definido de descanso depois de cada contração. Ao funcionar em média 70 pulsações por minuto, o coração está trabalhando verdadeiramente 9 horas em cada 24 horas. O segredo do coração está em trabalhar por partes; enquanto uma parte se contrai a outra está relaxada. Nosso coração é uma peça preciosíssima e precisa ser muito bem cuidado. A única função do coração é bombear sangue para todo o corpo. Em média o coração bate 70 a 80 vezes por minuto, 100 mil vezes por dia, 40 milhões de vezes por ano.</p> <p>Passamos, sem perceber, grande parte de nossa vida trabalhando, rindo e às vezes chorando, procurando viver bem enquanto temos a vida como prêmio. Porém, muita gente destrói parte da vida por ter saído de seus limites. É preciso pensar na vida e não apenas correr pela vida, como se não fosse possível correr e pensar ao mesmo tempo.</p> <p>(*) É médico (mhenio@hs24.com.br).</p>

O título do texto representado na figura 01: **Trabalho e repouso devem andar juntos**, somado à especialidade do produtor: **médico**, a forma como o texto se inicia: o produtor apresenta uma ideia geral, de forma impessoal, e sua configuração em prosa, nos dão a ideia de que esse texto é um artigo de opinião.

Nesse sentido, percebemos que, à primeira vista, a aparência do texto 01, anexo, parece indicar que se trata de um gênero do tipo lírico, por estar escrito em versos, especificamente, do gênero cordel, conforme a nota de rodapé desse texto. Por outro lado, o suporte (jornal Pag 20 – seção opinião), e a especificação da especialidade do produtor do texto (jornalista), aproximam o texto do gênero artigo de opinião, portanto, de um gênero do tipo argumentativo.

Para sabermos exatamente de que gênero se trata o texto 01, temos de identificar suas características discursivas, ou seja, o modo de interação, responsável tanto pela configuração do texto quanto pela sua composição linguística.

Pela leitura do texto 01, percebemos que o assunto é a conferência do clima, realizada em Copenhague, que tem por objetivo encontrar soluções para diminuir a emissão de gases poluentes na atmosfera. O produtor do texto critica a conferência climática, defendendo a ideia de que os governos das principais potências mundiais enriquecem a custa da poluição, os quais justificam a construção de indústrias como forma de desenvolvimento econômico do país, enquanto, na verdade, visam o lucro, e, por esse motivo, não solucionam de vez o problema, e acabam por dividir a responsabilidade com a população mundial, por meio da ideia da sustentabilidade, mostrando, portanto, ao leitor que nem essa ideia, nem a realização de uma conferência do clima são suficientes para resolver o problema da poluição, concluindo que só Deus para fazer os homens mudarem de postura e se tornarem sustentáveis.

A forma como o produtor do texto aborda o tema do texto 01, nos mostra que o texto trata de um problema social polêmico, pelo qual, o produtor objetiva convencer o leitor da ideia de que a realização de uma conferência não resolve os problemas causados no clima pela poluição, o homem deve mudar de postura, se tornar sustentável, para que não seja necessário um acerto de contas com a natureza.

As características discursivas do texto 01 se mostram suficientes para que o reconheçamos, de acordo com Rojo (2000), como artigo de opinião, pois, o objetivo desse texto é formar a opinião crítica do leitor no que diz respeito a questões como poluição, clima e sustentabilidade.

Quanto às características linguísticas do texto 01, as quais provocam dúvidas quanto ao fato desse texto ser ou não um artigo de opinião, percebemos que, apesar de apontarem para o gênero cordel, portanto, para um gênero do tipo lírico, elas não são decisivas para o reconhecimento do gênero. Tendo em vista o modo de interação estabelecido pelo texto 01, podemos dizer que esse texto, conforme Travaglia (1991), se compõe, principalmente, do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, e nele devem estar categorias da superestrutura desse tipo textual, segundo Fávero e Koch (1987): (tese anterior) premissas – argumentos – (contra argumentos) – (síntese) – conclusão (nova tese).

Dessa forma, pela análise da configuração ou superestrutura do texto 01, percebemos que os versos 1, 2 e 3 contextualizam o tema desse texto, pelos quais o produtor apresenta informações sobre a conferência do clima, constituindo a ideia geral sobre o assunto tratado. O verso 4 constitui a ideia principal do texto, pelo qual o produtor mostra, sob seu ponto de vista, que a conferência é um acerto de contas com a natureza, oferecendo ao longo dos versos, 5 ao 14, os argumentos que sustentam a ideia principal: **a natureza faz o cerco**. Em síntese, no verso 15, o produtor do texto quer dizer que, se o homem (entendido no texto como aqueles que comandam o desenvolvimento – empresários e governantes das principais potências mundiais) não mudar de postura, chegará o momento em que não haverá soluções,

pois o caos está chegando, como argumenta pelos versos 16 ao 20, concluindo pelo verso 21, que só Deus pode ajudar nessa mudança.

A seguir, apresentamos a superestrutura do texto 01:

Quadro 01: Categorias da superestrutura do tipo argumentativo “*stricto sensu*” presentes no texto 01.

TEXTO 01: Com as mãos para cima na Conferência do Clima.	CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DO TIPO ARGUMENTATIVO “ <i>stricto sensu</i> ”
<p>O mundo se olha na Dinamarca Conta as suas graves feridas Dimensiona as suas marcas E soma nas suas vidas</p> <p>[...]</p> <p>A pobreza e a miséria Justificam o investimento A empresa é mais séria Comanda o desenvolvimento</p>	<p>TESE INICIAL</p>
<p>Está na hora do acerto Do oxigênio e gás carbônico A natureza faz o cerco E o homem fica atônito</p>	<p>TESE PRINCIPAL</p>
<p>As cidades se enchem d’água Os barracos se derretem Os pobres juntam as mágoas Enquanto os ricos se divertem</p> <p>[...]</p> <p>Não há reza que dê jeito Nem ervas dão solução O pajé coça o queixo E o cientista sua a mão</p>	<p>ARGUMENTOS</p>
<p>Se o homem não mudar Do mundo a sua visão Não vai conseguir Escapar da destruição</p>	<p>SÍNTESE</p>
<p>O caos vem chegando Com a acumulação O homem vai somando E carece de solução</p> <p>[...]</p> <p>A beleza da Terra Vale qualquer luta Para o homem viver Na paz absoluta</p>	<p>ARGUMENTOS</p>
<p>Que Deus presente Na mais nova reunião Faça que o planeta entre Em nova conformação</p>	<p>CONCLUSÃO</p>

A partir do tratamento das categorias da superestrutura argumentativa do texto 01 é possível perceber, então, que o fato desse texto estar em versos não o caracteriza como gênero cordel, ou gênero do tipo lírico. O tipo lírico, na verdade, responsável pela textualização do texto 01 em versos, compõe as categorias da superestrutura do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, ou seja, ele está interno a elas. O que ocorre, portanto, no texto 01 é um intercâmbio

de tipos pela forma, ou seja, ao invés de termos o artigo em prosa, o temos em verso, forma característica de gêneros do tipo lírico. Esse intercâmbio é que faz com que esse texto tenha aparência de cordel, mas seja um artigo de opinião, no qual os versos são usados como premissas, argumentos e conclusão. Além disso, o modo de interação do tipo lírico caracteriza-se pela perspectiva de voltar-se para si, segundo Travaglia (2007b), como numa confissão, pela qual o produtor está pouco preocupado com o receptor, o que não é o caso do texto 01.

Vale ressaltar que as categorias da superestrutura argumentativa do texto 01, além de serem compostas pela forma do tipo lírico, são compostas linguisticamente de outros tipos, como o narrativo, injuntivo e o argumentativo “stricto sensu”, como é o caso, por exemplo, do verso 1, que ocorre pela fusão do lírico com o narrativo, e da conclusão (último verso), que ocorre pela fusão do lírico com o injuntivo e o argumentativo “stricto sensu”, como mostra o quadro 02:

Quadro 02: Exemplos dos tipos que compõem as categorias da superestrutura argumentativa do texto 01.

Trechos do texto 01	Categorias do texto 01	Tipos que compõem as categorias do texto 01
<u>O mundo se olha na Dinamarca</u> <u>Conta as suas graves feridas</u> <u>Dimensiona as suas marcas</u> <u>E soma nas suas vidas</u>	Premissa	Lírico Narrativo
<u>Que Deus presente</u> <u>Na mais nova reunião</u> <u>Faça que o planeta entre</u> <u>Em nova conformação</u>	Conclusão	Lírico Injuntivo Argumentativo

As características linguísticas que nos permitem reconhecer os tipos fundidos nas categorias premissa e conclusão da superestrutura argumentativa do texto 01, quanto ao narrativo são, por exemplo, expressões verbais que indicam ações: **olha**, **conta**, **dimensiona** e **soma**, quanto ao injuntivo é, por exemplo, a expressão verbal indicativa de desejo: **faça que**. O argumentativo “stricto sensu” caracteriza-se na categoria conclusão, conforme o quadro 02, pela intenção do produtor do texto de levar o leitor, ironicamente, a concluir que só Deus para fazer com que os representantes dos países presentes na conferência do clima mudem a postura e busquem realmente solucionar os problemas referentes à poluição, sendo, portanto, uma das sequências, desse texto, construídas, especialmente, com o objetivo de fazer o leitor a pensar de uma determinada maneira, ou, pelo menos, a mudar a sua opinião.

De forma semelhante ao que acontece no texto 01, a aparência do texto 02, anexo, não é de artigo de opinião, mas de um gênero narrativo, especificamente, um relato, como indicam o título do texto e os parágrafos em primeira pessoa encadeados pela continuidade de fatos e ações. Por outro lado, temos de considerar que o texto 02 é veiculado pela opinião de um jornal (Pag 20), e que nele há a especificação da especialidade do produtor (Professor licenciado e ex-interno da Fundação Hospitalar), características, portanto, do gênero discursivo artigo de opinião. Dessa forma, para identificarmos, exatamente, o gênero ao qual pertence o texto 02, temos de verificar suas características discursivas.

Pela leitura do texto 02, é possível perceber que o tema central desse texto é o risco que oferecem as dietas feitas por conta própria, pelo qual o produtor do texto defende a ideia de que fazer dietas, buscando o emagrecimento rápido, aliado a produtos naturais, que prometem não oferecer riscos à saúde, podem, na verdade, prejudicá-la seriamente. O tema se mostra, portanto, como de cunho social e polêmico, tratando de um problema que, sabemos, assola a geração atual, a qual, dadas as facilidades apresentadas pela medicina moderna, que

oferece como opções para o emagrecimento imediato, desde cirurgias plásticas até o uso de fitoterápicos, e a necessidade de uma vida prática, buscam incessantemente emagrecer de modo prático e rápido.

Notamos, logo no início do texto, que a intenção do produtor é convencer o(s) leitor(es) a não buscar(em) soluções rápidas de emagrecimento, como dietas radicais e uso de produtos naturais, por conta própria. Para isso, o produtor oferece como argumentos a experiência própria, de forma que, o relato contido no texto 02 não tem por objetivo, apenas, relatar fatos, ou seja, contar como foi a experiência vivida, mas sim, sustentar a ideia da qual o produtor deseja convencer o(s) leitor(es).

Dessa forma, todo o relato sobre os problemas de saúde sofridos pelo produtor do texto, causados por uma dieta radical e pelo uso de produtos naturais que prometem ajudar no emagrecimento, é oferecido pelo produtor para convencer o(s) leitor(es) de que o método de emagrecimento do qual trata não é a melhor alternativa para a perda de peso.

Dadas as características discursivas do texto 02, as quais nos mostram que o objetivo do texto é convencer e/ou formar a opinião crítica do(s) leitor(es) quanto a um tema social polêmico, podemos dizer que esse texto é um artigo de opinião, e, portanto, é composto principalmente do tipo argumentativo “*stricto sensu*”, responsável pela configuração e composição linguística desse texto. Isso significa que, nesse texto, estão presentes categorias da superestrutura argumentativa, como mostra o quadro 03:

Quadro 03: Categorias da superestrutura do tipo argumentativo “*stricto sensu*” presentes no texto 02.

TEXTO 02: Relato de um paciente (quase terminal – Jornal Pag 20.	CATEGORIAS DA SUPERESTRUTURA DO TIPO ARGUMENTATIVO “ <i>stricto sensu</i> ”
Não façam dieta por conta própria, nem tomem essas beberagens que vendem em casas de ervas.	CONCLUSÃO
<p>Eu comecei assim. Troquei o jantar por qualquer bobagem comestível e reduzi o almoço de maneira considerável. [...] Na sequência do emagrecimento comecei a me sentir fraco, indisposto para várias ações cotidianas e continuava a emagrecer. No desespero, procurei um médico clínico geral, que também era nutricionista.(...) [...] Resultado da endoscopia: uma leve gastrite. (...). [...] Chegados os exames eles confirmaram que dada à baixa imunidade do meu organismo eu poderia estar com uma tuberculose (...). Dois dias após eu começar a tomar a medicação, surgiu um inchaço no lado direito do meu pescoço seguido de febre. Característica da tuberculose ganglionar. Vamos à biopse. O resultado da biopse confirmou: TB, na linguagem hospitalar. (...). [...] (...) Ao me examinar ela constatou que eu estava com uma anemia profunda. Internação imediata. (...). [...] Novo raio-x e a confirmação de que eu estava com um derrame pleural (?!?!). (...). [...] (...) E eu, que com minha dieta sonhava com um</p>	ARGUMENTOS

corpo parecido ao do global Giannechini, agora estou mais para o exagerado Cazuzu.	
--	--

O quadro 03 mostra que o texto 02 é composto principalmente de duas categorias da superestrutura do tipo argumentativo: argumentos e conclusão. Isso por que o produtor do texto optou por argumentar por meio de relato pessoal, de forma que, toda a experiência relatada funciona como argumento para a conclusão apresentada logo no início do texto: **Não façam dieta por conta própria, nem tomem essas beberagens que vendem em casas de ervas.** Isso significa que a categoria argumento do texto 02 é composta do tipo narrativo, utilizado pelo produtor do texto 02 como forma de argumentar sobre o tema do qual trata, ou seja, ocorre fundido com o argumentativo “stricto sensu”.

Ainda a respeito da conclusão (1º parágrafo do texto 02), ela é bastante típica de textos argumentativos como o artigo de opinião, como acredita Travaglia (1991), a qual aparece pela fusão do tipo argumentativo com o injuntivo, esse último percebido pela presença de formas verbais que expressam ordem: **façam** e **tomem**, mostrando que o produtor quer convencer a partir da perspectiva do fazer.

Conclusão

A análise dos textos 01 e 02 mostram que as características formais de artigos de opinião, ou seja, as características linguísticas não são suficientes para o reconhecimento desse gênero, mas que ele é reconhecido, principalmente, pelas suas características discursivas.

No caso do texto 01, as dúvidas quanto à sua identificação como artigo de opinião, ocorrem pelo intercâmbio de tipos (lírico), e não pela fusão, que é o caso do texto 02. Isso mostra que quando há intercâmbio, a dificuldade em identificar um texto como artigo de opinião aumenta, pois, sendo um gênero do tipo argumentativo, sua composição ocorre, naturalmente, pelo argumentativo fundido com outros tipos, o que já é uma dificuldade para o reconhecimento desse gênero, de modo que outras formas de composição tipológica acentuam a dificuldade de identificação desse gênero, o que pode prejudicar a leitura e compreensão por parte do(s) leitor(es).

Portanto, para reconhecermos um texto como artigo de opinião temos de observar, principalmente, as suas características discursivas, ou seja, o modo de interação estabelecido pelo produtor com seu(s) leitor(es), e perceber os motivos que levaram o produtor a construção de uma artigo de opinião de forma não prototípica desse gênero.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **Les textes**: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan, 1993.

BONINI, Adair. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. 2, 1999. p. 301-318.

BRONCKART, Jean-Paul. Os tipos de discurso. in: **Atividade de linguagem, textos e discurso**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003. p. 137-216.

- DIJK, Teunis Adrianus van. **Superestructuras**. in: La ciência del texto: um enfoque interdisciplinário. Barcelona, Paidós, 1983. p. 141-173.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981. 264 p.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, 1987. p. 3 – 10.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- HILÁ, Cláudia Valéria Doná. **O gênero artigo de opinião: diagnóstico e intervenção na formação inicial de português**. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 47(1), 2008. p. 183-201.
- KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 84 p.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; ROTH, Désirée Motta (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.154 – 183.
- ROJO, R. H. **A Prática de Linguagem em Sala de Aula: Praticando os PCNs**. Mercado de Letras: Campinas, 2000. p. 252.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. 1991. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP, 1991. 264 p.
- _____. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista do GELNE**, v. 4, nº. 1/2, 2002. p. 29 - 34
- _____. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. Alfa: **Revista de Lingüística**. , v.51, p.39 - 79, 2007a.
- _____. **Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros** In: 4o Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (IV SIGET), 2007, Tubarão - SC. Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET). Tubarão: Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2007b. v.1. p.1297 – 1306.
- UBER, Terezinha de Jesus Bauer. **Artigos de opinião: estudos sobre um gênero discursivo**. Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2007-2008. Universidade Estadual de Maringá.

Anexos**Texto 01**

(Jornal Pag 20)

Com as mãos para cima na Conferência do Clima.

Escrito por Romerito Aquino *

10-Dez-2009

O mundo se olha na Dinamarca
Conta as suas graves feridas
Dimensiona as suas marcas
E soma nas suas vidas

As nações mais poderosas
Fazem na hora o mea culpa
Desmentem a morte das rosas
Mas veem o lucro com lupa

A pobreza e a miséria
Justificam o investimento
A empresa é mais séria
Comanda o desenvolvimento

Está na hora do acerto
Do oxigênio e gás carbônico
A natureza faz o cerco
E o homem fica atônito

As cidades se enchem d'água
Os barracos se derretem
Os pobres juntam as mágoas
Enquanto os ricos se divertem

A floresta arde em chama
Os bichos correm apressados
As cidades viram lama
E os rios assoreados

A borboleta quer saber
Por que tanta devastação
Não há água para beber
O tempo é de desolação

O lucro só aumenta
Nos bolsos do patrão
E pouca gente agüenta
O tamanho calorão

Na grande Amazônia,

Muito fogo e fumaça
Índio morre de insônia
Sem dar mais o ar da graça

Entra a soja e vem o gado
Com a mata derrubada
Fica o homem enganado
Sem ter sequer a morada

O pólo Norte derrete
O pólo Sul agoniza
As desgraças se repetem
E ao homem contabiliza

Vem enchente e tufão
Ciclone e maremoto
Tanto tsunami e trovão
E muito mais terremoto

Morre bicho e morre gente
Na resposta da natureza
A consequência é evidente
E a desgraça uma certeza

Não há reza que dê jeito
Nem ervas dão solução
O pajé coça o queixo
E o cientista sua a mão

Se o homem não mudar
Do mundo a sua visão
Não vai conseguir
Escapar da destruição

O caos vem chegando
Com a acumulação
O homem vai somando
E carece de solução

A esperança compartilha
Na sustentabilidade

Rezando na cartilha
Da solidariedade

A riqueza dividida
Traz maior esperança
Para esticar a vida
Formando nova aliança

A união faz a vitória
Da natureza divina
Devemos seguir a glória

Da verdade cristalina

A beleza da Terra
Vale qualquer luta
Para o homem viver
Na paz absoluta

Que Deus presente
Na mais nova reunião
Faça que o planeta entre
Em nova conformação

* O jornalista decidiu escrever em forma de cordel sobre a Conferência do Clima das Nações Unidas, de Copenhague (Dinamarca), como homenagem às populações do Nordeste e do Norte. De Padre Cícero, no Ceará, ao Santo Daime, no Acre, a prece é a mesma: “Deus, dê lucidez ao homem para que ele se torne sustentável, antes que seja tarde!”

Texto 02

(Jornal Pag 20)

Relato de um paciente (quase) terminal.

Marcos Jorge Dias

24-Nov. -2009

Não façam dieta por conta própria, nem tomem essas beberagens que vendem em casas de ervas.

Eu comecei assim. Troquei o jantar por qualquer bobagem comestível e reduzi o almoço de maneira considerável.

Logo minha perda de peso se tornou visível. Os amigos elogiavam, perguntavam o segredo e eu respondia: fechar a boca.

Na sequência do emagrecimento comecei a me sentir fraco, indisposto para várias ações cotidianas e continuava a emagrecer.

No desespero, procurei um médico clínico geral, que também era nutricionista. Ele me solicitou alguns exames e após os resultados vimos que estava tudo bem. Glicose, uréia, etc, no peso para minha altura, exceto por uma pequena alteração no ácido úrico e uma anemia não identificada.

Como eu já sentia umas pequenas dores no estômago pedi que ele solicitasse uma endoscopia. Eu estava disposto a ir até o último exame.

Resultado da endoscopia: uma leve gastrite. Tomar a medicação para a mesma era pior que as dores que eu sentia antes.

Vida normal, churrasco na casa dos amigos no domingo. Na segunda, uma dor intermitente no fígado que nenhum chá de boldo resolveu. Vamos fazer uma tomografia abdominal. Eu disse que estava disposto a ir até o último exame.

Descobri (em termos populares) que tenho pedra na vesícula, alguma parte dos intestinos inflamada e, claro, o fígado alterado. Tudo bem. Quase todo mundo que conheço tem ou já teve pedra na vesícula, ou já teve vesícula. Vamos fazer os exames para a cirurgia.

De novo me aparece a tal anemia. Aí quando o assunto é sangue tem que se buscar um especialista. E eu emagrecendo.

Com os exames anteriores e muita coragem de ir até o último, pois vai dando um medo de você ter “doença ruim” quando já se tem precedentes na família. Procurei um infectologista que de cara já me disse: você está com um tipo de célula vermelha muito baixa. Mas não posso dizer nada até ver o resultado de alguns exames que vou pedir agora. E foram exames de sangue que eu nunca tinha ouvido falar. Mas, vamos até o último.

Chegados os exames eles confirmaram que dada à baixa imunidade do meu organismo eu poderia estar com uma tuberculose (não da galopante, como diz o povo), mas uma virótica. (saibam que existem outros tipos de tuberculose que não a pulmonar. Ela pode atacar a medula óssea, os olhos, os ossos, etc. Quem tiver interesse há vasta literatura médica sobre o assunto). Porém, era preciso confirmar. Ele me receitou alguns antibióticos e pediu mais exames. Dois dias após eu começar a tomar a medicação, surgiu um inchaço no lado direito do meu pescoço seguido de febre. Característica da tuberculose ganglionar. Vamos à biopse.

O resultado da biopse confirmou: TB, na linguagem hospitalar. Preciso fazer o cartão SUS para poder pegar a medicação na rede pública. Durante os trâmites burocráticos descubro que o infectologista que estava cuidando de mim, não está cadastrado na Rede SUS, visto ocupar cargo público. Fui direcionado a outro especialista. Nada a reclamar.

Comecei a tomar a medicação. Seis comprimidos, em jejum. Não importa à hora, mas não posso ter comido nada. Isso por uns quatro meses. Depois disseram que vão reduzir a dose.

Após alguns dias de medicação fui à primeira consulta com a médica que assumiu o meu caso clínico. Ao me examinar ela constatou que eu estava com uma anemia profunda. Internação imediata. Soro, transfusão de sangue, medicação suplementar, tudo do que eu sempre fugi na minha vida. Mas como disse antes: eu estava disposto a ir até o último exame.

A internação que deveria durar três dias, durou dez. Mais exames de sangue, raio-x, eletrocardiograma, ecocardiograma, tomografia computadorizada, mais exames de sangue. Tudo aparentemente normal. Mas eis que no meio do caminho surge uma febre, havia uma febre no meio do caminho da alta hospitalar.

Novo raio-x e a confirmação de que eu estava com um derrame pleural (?!?!). Na minha não tão santa ignorância, nem sabia que tinha pleura e nem onde ficava (pele que reveste o pulmão), vim saber depois. O soro que eu estava tomando deitado, ou o líquido produzido pelo organismo, tinha se alojado entre esta pele e o pulmão.

A retirada requer um procedimento delicado. Pois qualquer erro de localização ou profundidade pode perfurar o pulmão já que é usada uma agulha enorme. No dia marcado para o procedimento médico entreguei minha alma a Deus e o frágil corpo nas mãos de uma jovem médica que compunha a equipe que estava acompanhando meu tratamento. Mãos de fada. Não senti nenhuma dor, ela retirou quase um litro de líquido da pleura e minha recuperação foi rápida e tranquila.

O tratamento deverá durar seis meses. E eu, que com minha dieta sonhava com um corpo parecido ao do global Giannechini, agora estou mais para o exagerado Cazuza. Até o final do tratamento muitas coisas certamente vão acontecer como, por exemplo, uma intoxicação por medicação, depressão, círculo de oração e etc, mas esse há de ser outro relato.

* Professor licenciado e ex-interno da Fundação Hospitalar